

# Dependência emocional, apego e esquemas iniciais desadaptativos em mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo: uma revisão integrativa

*Emotional dependence, attachment and maladaptive initial schemas in women victims of intimate partner violence: an integrative review*

Elisângela Maria da Cunha Silva<sup>1</sup>, Ana Cláudia de Azevedo Peixoto<sup>2</sup>, Isabela Ferreira Rocha Nunes<sup>3</sup>, Ana Carolina Fagundes dos Santos<sup>4</sup>

**Como citar esse artigo.** SILVA, E. M. C. PEIXOTO, A. C. A. NUNES, I. F. R. SANTOS A. C. F. Dependência emocional, apego e esquemas iniciais desadaptativos em mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo: uma revisão integrativa. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 40-51, set./dez. 2025.



## Resumo

A dependência emocional está entre os fatores que condicionam a permanência da mulher em uma relação abusiva. Este estudo versa sobre como as pesquisas têm discutido a dependência emocional, considerando os estilos de apego e esquemas iniciais desadaptativos, como fatores de risco e de manutenção em relações violentas. Para isto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura sobre a temática. A coleta foi feita nas bases de dados SciELO, BVS, APA PsycNET, LILACS e PubMed, entre 2012 e 2022. Inicialmente 64 artigos foram identificados. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, nove estudos foram incluídos. A análise de conteúdo de Bardin foi conduzida para sistematização dos dados. Os resultados apontaram que a dependência emocional está relacionada a esquemas iniciais desadaptativos e ao estilo de apego preocupado-ansioso. A dependência pode ser considerada um fator de risco que contribui para a permanência da mulher no ciclo da violência perpetrada pelo parceiro íntimo.

**Palavras-chave:** Ciclo da violência; Saúde mental; Relacionamentos abusivos; Fatores de risco.

## Abstract

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Emotional dependence is among the factors that determine whether a woman remains in an abusive relationship. This study examines how research approaches emotional dependence, considering attachment styles and early maladaptive schemas, as risk and maintenance factors in violent relationships. To this end, an integrative literature review was conducted on the topic. Data were collected from the SciELO, BVS, APA PsycNET, LILACS, and PubMed databases between 2012 and 2022. Initially, 64 articles were identified. After applying the eligibility criteria, new studies were included. Bardin's content analysis was conducted to systematize the data. The results indicated that emotional dependence is related to early maladaptive schemas and the preoccupied-anxious attachment style. Dependence can be considered a risk factor that contributes to women remaining in the cycle of intimate partner violence.

**Keywords:** Cycle of violence; Mental health; Abusive relationships; Risk factors.

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia Clínica, Saúde e Contemporaneidade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pós-graduada em Neuropsicologia pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPS) e Educação Agrícola (PPGEA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup>Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>4</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail de correspondência: elicunha@ufrj.br

Recebido em: 25/03/2025. Aceito em: 23/09/2025.

## Introdução

A violência contra mulher é um fenômeno reconhecido como um grave problema de Saúde Pública por sua alta incidência, e pelas consequências causadas à saúde física e psicológica (Coelho; Silva; Lindner, 2018). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), aponta que 27% das mulheres em todo o mundo, na faixa etária de 15 a 49 anos, já foram submetidas à Violência por Parceiro Íntimo (VPI), evidenciando tanto a magnitude do problema quanto sua condição de violação dos direitos das mulheres.

A VPI diz respeito a um conjunto de comportamentos de violência física, sexual, psicológica ou perseguição perpetrada pelo parceiro íntimo (Formiga *et al.*, 2021). Dados estatísticos indicam que no Brasil, as mulheres representaram 91,5% do total de notificações de VPI (Brasil, 2020). O estudo de Gomes e Ferreira (2018) propõe a existência de fatores como: Dependência Emocional (DE), financeira, expectativa de mudança, preservação da família, desvalorização, inferioridade e até o medo de morrer, condicionam a permanência de uma mulher, vítima de alguma forma de abuso, no relacionamento afetivo.

Segundo Pereira *et al.* (2018), a DE refere-se a um padrão de comportamento resistente à extinção, mantido por reforçamento intermitente no ciclo da violência. A dependência do companheiro e a necessidade de ter alguém como “referência” leva a mulher à submissão e à sujeição às agressões, que vão do emocional à física e, muitas vezes, intercalam-se (Pereira *et al.*, 2018).

Pesquisas apontaram quatro componentes principais da dependência: (a) motivacionais - que refere-se à uma necessidade marcante de orientação, ajuda, apoio e aprovação de outros; (b) cognitivo - a percepção de si mesmo como impotente e ineficaz, juntamente com a crença de que os outros são comparativamente confiantes e competentes; (c) afetivo - tendência de ficar ansioso quando necessário para funcionar de forma autônoma, especialmente quando os esforços de alguém pode ser avaliado por outros; e (d) comportamental - uso de uma ampla gama de estratégias próprias de apresentação para fortalecer os laços com potenciais cuidadores (Bornstein, 2012; Nogueira, 2023; Paiva *et al.*, 2022; Santos; Camargo, 2024).

Na visão de Bution e Wechsler (2016), a dependência emocional é compreendida como um transtorno psicológico, caracterizado por comportamentos aditivos e disfuncionais nos vínculos afetivos, nos quais o indivíduo se torna excessivamente vinculado ao parceiro. Para Castelló (2005), trata-se de uma necessidade afetiva intensa e contínua, que leva o sujeito a buscar validação emocional mesmo diante de relações prejudiciais.

A dependência influencia diretamente a forma como os indivíduos escolhem seus parceiros, muitas vezes optando por pessoas com traços de personalidade dominadores, egocêntricos, autoconfiantes e emocionalmente indisponíveis, perfis que contrastam com sua baixa autoestima e forte necessidade de afeto (Castelló, 2012). Como resultado, perpetuam-se relações desequilibradas, nas quais o dependente tende a se submeter em troca de pequenas demonstrações de atenção ou aceitação.

Esse padrão pode levar mulheres a se manterem em relacionamentos conjugais marcados por sofrimento, mesmo diante de episódios recorrentes de humilhação, agressões e infidelidade. Os comportamentos de dependência são sustentados por uma combinação de medo intenso de abandono, baixa autoestima e pensamentos obsessivos sobre o parceiro, o que torna o rompimento extremamente difícil e favorece a manutenção do ciclo da violência (Santos; Camargo, 2024).

Para além das dinâmicas atuais, essas vulnerabilidades costumam estar ligadas à formação de Esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), como o de abandono, desenvolvidos na infância a partir de vínculos inseguros ou experiências precoces de rejeição. Segundo Castelló (2005), esses esquemas tendem a ser reativados na vida adulta, especialmente em situações de perda ou instabilidade relacional, intensificando a fragilidade emocional do sujeito.

Na perspectiva de Young *et al.* (2008) os EIDs resultaram de experiências danosas ao sujeito, em que suas necessidades emocionais não foram supridas na infância. Wainer (2021) vai definir os EIDs como padrões emocionais, cognitivos e emocionais relacionados a representações de si e dos outros que

se desenvolvem cedo na vida e se repetem ao longo dela, trazendo sofrimento e prejuízo em diversos contextos, inclusive nos relacionamentos.

Para Young (2003) pessoas tendem a escolher seus parceiros amorosos a partir dos seus próprios EIDs, ou seja, existe uma química do esquema que é geralmente ativada por um ou mais esquemas nucleares. Em um estudo realizado por Momeñe *et al.* (2021) sobre os EIDs e DE, foram encontradas relações positivas da DE com os esquemas de abandono e subjugação.

O apego também é uma importante variável no que diz respeito aos relacionamentos. Segundo Walker (2009), mulheres que deixaram recentemente abusadores geralmente exibem um padrão intimamente associado a um estilo de apego ansioso ou ambivalente. Embora esses estilos sejam comuns entre mulheres que já saíram de relacionamentos abusivos, seus efeitos podem se repetir em vínculos afetivos futuros. Nos resultados de sua pesquisa, Walker (2009) confirmou a hipótese de que mulheres agredidas estão em risco elevado para esquiva e/ou ansiedade/ambivalência nos estilos de apego e menos propensas a exibir estilos de apego seguro.

Considerando que a VPI é um fenômeno altamente pervasivo, com graves consequências à saúde física e mental das pessoas expostas (Brasil, 2020), e a DE como um dos fatores de risco associados à ocorrência de violência, principalmente a doméstica, em que as mulheres emocionalmente dependentes tendem a ser vítimas (Bornstein, 2012). O presente estudo teve por objetivo analisar, por meio de uma Revisão Integrativa (RI) da produção científica, a DE em mulheres vítimas de VPI, considerando os estilos de apego e os EIDs envolvidos nesse processo.

## Método

Este estudo consiste em uma RI da literatura dos últimos dez anos sobre a dependência emocional em mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo, com o objetivo de agregar e sintetizar os achados científicos publicados na área. A RI permite a reunião e a investigação sistemática de estudos diversos sobre um tema específico, possibilitando a análise crítica da literatura existente e a formulação de novos entendimentos e discussões sobre o fenômeno investigado (Soares *et al.*, 2014). O processo de revisão seguiu as seguintes etapas:

### Formulação da pergunta norteadora

A questão que guiou a revisão foi: "A dependência emocional associada aos estilos de apego e aos EIDs pode ampliar a vulnerabilidade da mulher no relacionamento, propiciando a manutenção do ciclo da VPI?".

### Estratégia de busca e seleção de estudos

Realizou-se a busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que inclui a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), SciELO, APA PsycNET e PubMed. Os descritores utilizados foram: "Dependência Emocional", "Mulheres vítimas de Violência", "Violência por parceiro íntimo", "Esquemas iniciais desadaptativos" e "Teoria do apego"; aplicados em português, inglês e espanhol.

Foram incluídos artigos publicados nos idiomas mencionados; disponíveis na íntegra; abordando diretamente a temática da RI; indexados nas bases referidas; publicados entre 2012 e 2022. Esse recorte temporal foi definido considerando o lançamento do documento da OMS em 2012, intitulado "Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher", um marco na produção de evidências e políticas públicas sobre o tema. E foram excluídos estudos que abordassem apenas levantamentos estatísticos ou outros tipos de dependências mediadas, além de artigos duplicados nas bases.

## Coleta de dados

Utilizou-se um instrumento descritivo para extrair informações relevantes, incluindo autoria, ano de publicação, título, periódico, objetivos e principais resultados dos estudos selecionados.

## Análise crítica dos estudos

A seleção final dos artigos foi realizada a partir da avaliação crítica de suas contribuições, considerando semelhanças e diferenças nas abordagens e achados.

## Análise dos dados

A análise do *corpus* seguiu a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), compreendendo quatro etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação dos achados. A leitura flutuante e os fichamentos dos textos permitiram uma compreensão ampla do conteúdo, seguida da leitura integral dos artigos para transcrição dos principais resultados. A codificação dos achados foi desenvolvida a partir da leitura exaustiva e releitura dos textos.

## Categorização temática

Com base na análise sintética do material, foram identificadas duas categorias temáticas principais: (1) A dependência emocional relacionada ao apego e aos EIDs: fatores de risco e vulnerabilidade à violência; (2) Os aspectos da dependência emocional e sua relação com a violência contra a mulher: fatores mantenedores do ciclo da violência.

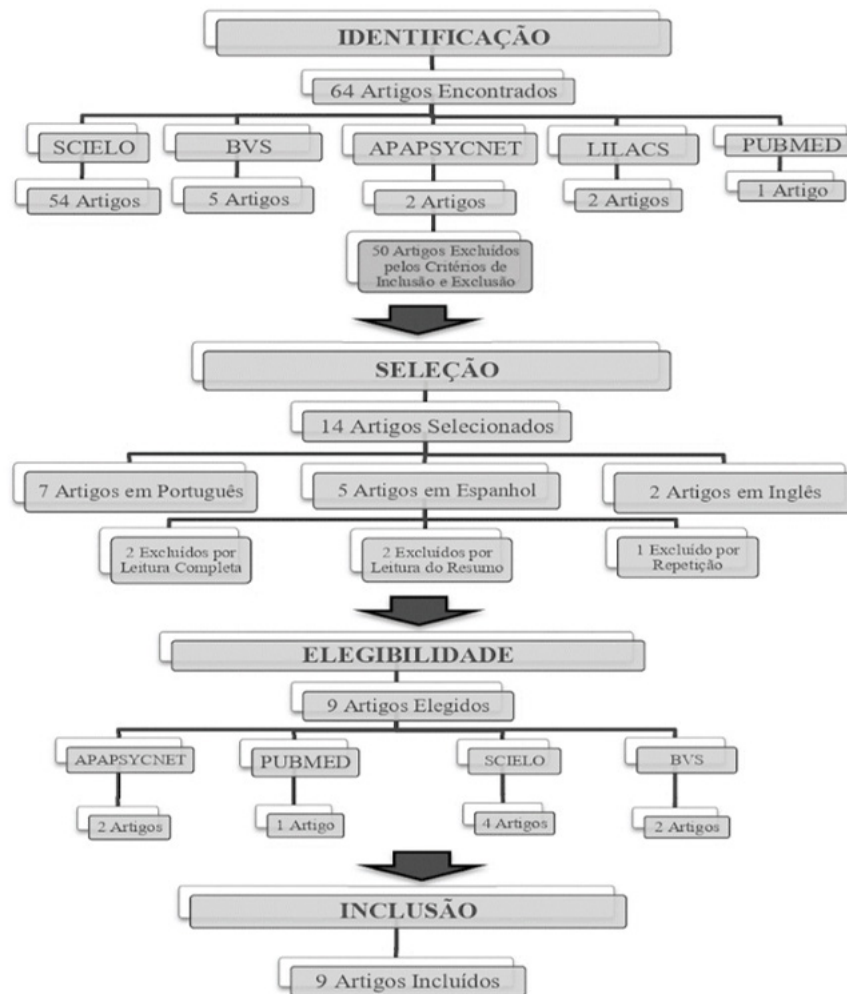
Nos resultados e discussão, os estudos que compuseram o corpus da análise foram codificados de A1 a A9, permitindo uma apresentação estruturada e crítica dos achados da literatura.

## Resultados e discussão

### Características do estudo

O estudo seguiu seis etapas metodológicas: formulação da pergunta norteadora, definição dos critérios de inclusão e exclusão, busca e seleção dos estudos, extração de dados, avaliação crítica dos achados e síntese dos resultados. Após a aplicação dos critérios estabelecidos, foram encontrados um total de 64 artigos nas bases analisadas. Sendo 54 SciELO, cinco BVS, dois APA PsycNET, dois LILACS e um PubMed, mediante os descritores selecionados. Posteriormente na aplicação dos critérios de inclusão e exclusão 19 artigos foram excluídos por não retratar o tema na íntegra, 15 artigos foram excluídos por excederem o tempo de publicação dos últimos dez anos, 12 artigos pela exclusão por títulos e abordagem superficial do conteúdo, e 04 artigos por associarem a DE a outras dependências mediadas. Ficando 09 artigos elegíveis e incluídos para a análise de acordo com a Figura 1.

Figura 1



Fonte. Autores, 2025.

A Tabela 1 apresenta as principais características dos estudos analisados, incluindo autores, ano de publicação, periódico, país de realização, título, objetivo do estudo, metodologia e resultados. Os estudos foram estruturados de acordo com os objetivos, instrumentos utilizados e impactos da DE nas relações marcadas pela violência.

Dos nove artigos selecionados, sete são estudos empíricos de abordagem quantitativa e dois são revisões de literatura. Em relação à distribuição geográfica, três estudos foram realizados no Brasil, dois na Espanha, dois no Peru, um nos Estados Unidos e um no continente europeu, sem especificação do país de origem. Quanto ao período de publicação, dois artigos foram publicados em 2012, um em 2015, dois em 2016, um em 2018 um em 2020 e dois em 2021.

Os estudos A2 (Aiquipa Tello, 2015), A6 (Chafra-Quise; Lara-Machado, 2021), A8 (Momeñe *et al.* 2021) que analisaram a DE foram conduzidos com amostras compostas por mulheres estrangeiras, vítimas de violência por parceiro íntimo, com idades entre 18 e 66 anos. Já os estudos focados em apego, A1 (Romero Urréa, 2016), A7 (Momeñe; Estévez, 2018), validação de instrumentos para avaliação da DE A5 (Fonseca *et al.* 2020), relação entre cuidado parental e apego A7 (Momeñe; Estévez, 2018) e violência conjugal A9 (Paim *et al.* 2012) apresentaram amostras heterogêneas em relação à idade e ao gênero dos participantes.

Os principais instrumentos utilizados nos estudos foram inventários, questionários e escalas psicométricas validadas. Esses instrumentos permitiram avaliar variáveis como Estilos de Apego, Dependência Emocional, Violência por Parceiro Íntimo, Transtorno de Personalidade Dependente,



Violência Doméstica e Conjugal, Estilos Parentais, Abuso Psicológico, Relacionamentos, Esquemas Iniciais Desadaptativos, Estilos de Enfrentamento, Sintomas Psicopatológicos, Habilidades de Negociação e Autoestima.

**Tabela 1.** Resumo dos Dados dos Artigos da Seleção Final da Revisão Integrativa

Código	Autores / Ano / País	Objetivo	Método	Principais Resultados
A1	Romero Urréa (2016), Peru	Identificar tipo de apego e motivo da permissividade frente à violência	Estudo misto: descritivo e fenomenológico	Apego preocupado predominante; limitações cognitivas e emocionais; prevalência de violência psicológica e patrimonial.
A2	Aiquipa Tello (2015), Peru	Analisar relação entre dependência emocional e violência por parceiro íntimo	Estudo quantitativo, associativo-comparativo	Correlação significativa entre DE e violência; destaque para medo de separação, subordinação e submissão como fatores centrais.
A3	Bornstein (2012), EUA	Revisar sistematicamente estudos sobre dependência emocional	Revisão sistemática de literatura	DE como transtorno aditivo relacionado ao apego na infância; fatores culturais influenciam; necessidade de mais estudos.
A4	Bution e Wechsler (2016), Brasil	Revisar sistematicamente literatura sobre dependência emocional	Revisão sistemática de literatura	Confirma os achados de Bornstein (2012); DE como transtorno aditivo; influência do apego, cultura e filogênese; recomendação de terapias individuais e em grupo.
A5	Fonseca et al. (2020), Brasil	Adaptar e validar o Cuestionário de Dependência Emocional (CDE) e verificar relação com autoestima	Estudo quantitativo com análise fatorial	CDE é válido e confiável; relação negativa entre DE e autoestima; indica validade convergente.
A6	Chafra-Quise e Lara-Machado (2021), Equador.	Relacionar DE com violência vivida por mulheres	Estudo observacional e relacional	Correlação positiva entre violência psicológica e DE; destaque para medo da solidão e rejeição da autoestima como reforçadores da permanência na relação violenta.
A7	Momeñe e Estévez (2018), Espanha	Examinar relação entre estilos parentais, apego, DE e abuso psicológico	Estudo quantitativo correlacional	Estilos parentais de privação e superproteção preveem DE e abuso; apego seguro reduzido; apego preocupado elevado em indivíduos dependentes.
A8	Momeñe et al. (2021), Espanha	Analisar relação entre estilos de enfrentamento, EIDs e sintomas psicopatológicos na DE	Estudo quantitativo com análise de correlação	Estilos de enfrentamento disfuncionais, esquemas de abandono e sintomas como ansiedade e depressão mediam a relação entre DE e permanência em relações abusivas.
A9	Paim et al. (2012), Brasil	Compreender violência conjugal com base nos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs)	Estudo quantitativo transversal, correlacional	Esquemas de personalidade se associam à violência e à dificuldade de negociação; EIDs contribuem para o ciclo de perpetuação da violência conjugal.

Fonte. Autores, 2025.

A análise da literatura revisada revelou duas áreas principais de convergência entre os estudos, que se relacionam à DE, aos EIDs e à VPI. Essas áreas indicam como fatores emocionais e psicológicos podem contribuir para a permanência das mulheres em relacionamentos violentos.

### **(1) A Dependência Emocional relacionada ao Apego e aos Esquemas Iniciais Desadaptativos: fatores de risco e vulnerabilidade às mulheres sofrerem violência**

Os estudos A1 e A7 destacam que o tipo de apego e preocupado-ansioso são identificados em vítimas na relação de violência e de DE (Romero Urréa, 2016; Momeñe; Esteves, 2018). No A4 apontam que a etiologia da DE está relacionada ao desenvolvimento do apego na infância, além de fatores culturais e filogenéticos (Bution; Wechsler, 2016).

Ainda que o estudo A4 aborde a dependência emocional como um transtorno, a literatura científica atual evidencia que não há consenso sobre sua definição conceitual. Bution e Wechsler (2016), compreendem a DE como um transtorno com características aditivas em contextos relacionais. Enquanto que Bornstein (2012) defende que se trata de um traço de personalidade marcado por intensa necessidade de aprovação e suporte.

O estudo mais recente de Chafra-Quise e Lara-Machado (2021) apontam a DE como sintoma vinculado a padrões de apego ansioso e baixa autoestima, frequentemente observado em contextos de violência. Esses debates refletem a complexidade do fenômeno e a urgência de maior aprofundamento teórico e empírico para consolidar sua definição e implicações clínicas. A ausência de uma definição unívoca impacta diretamente nas estratégias de intervenção, avaliação diagnóstica e políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência por parceiro íntimo.

O estudo A1, afirma que o apego do tipo preocupado influencia o comportamento das mulheres em suas relações afetivas, determinando suas habilidades cognitivas e emocionais de tomar decisões sobre seus conflitos em experiências na vida adulta (Romero Urréa, 2016). O A7 aponta que os estilos de apego influenciam o processo de escolha do relacionamento e o comportamento com o parceiro (Momeñe; Esteves, 2018).

Segundo A1, o estilo de apego diminui a capacidade da mulher analisar as situações com determinação, ela procura permanecer isolada para manter sua segurança e não tem a facilidade para enfrentar novos desafios (Romero Urréa, 2016). As características associadas ao estilo de apego preocupado-ansioso reafirmam que são fatores de risco e vulnerabilidade para mulheres sofrerem violência. Esses achados sugerem que os estilos de apego atuam como predisposições afetivas que comprometem a autonomia emocional, favorecendo a tolerância a vínculos abusivos e dificultando a ruptura.

Segundo Romero Urréa (2016) no A1, os dados relatam que a maioria das mulheres agredidas vem de um contexto social baseado em relacionamentos intrafamiliares conflituosos e disfuncionais; consumo indiscriminado de álcool e drogas; educação precária; pobreza, sempre acompanhada pelo medo de não serem aceitas. Essas mulheres apresentam uma resposta reativa, dependência específica e baixa autoestima, como também sintomas que a incapacita a pensar no seu bem-estar e no de seus filhos, e por medo, permite a agressão repetitiva na relação conjugal.

O tipo da violência mais frequente é a psicológica, produzida por insultos e agressões verbais com conteúdo pejorativo. Mulheres agredidas não só sofrem este tipo de violência, como também foi constatado um aumento da violência econômica e patrimonial. Os danos no nível psíquico em mulheres diminuem suas capacidades defensivas e força para agir de forma determinada. Em suma, este artigo A1 aborda a influência do estilo de apego na tomada de decisão da mulher, que é um dos fatores que sustenta a manutenção do ciclo da violência.

Ao reunir aspectos relacionais (apego), contextuais (histórico familiar e social) e emocionais (baixa autoestima e medo), o estudo de Romero Urréa (2016) oferece uma leitura abrangente dos múltiplos determinantes que operam na permanência em vínculos abusivos. Essa integração teórica contribui para

uma compreensão mais ampla da violência conjugal como fenômeno multifatorial.

As pesquisas do artigo A7, mostraram que à medida em que a DE aumentava, maior era o abuso psicológico nas relações de casal (Momeñe; Estévez, 2018). Da mesma forma, observou-se que à medida que a dependência aumentava o apego seguro diminuía, enquanto o apego preocupado aumentava. Reafirmando com outros estudos que a DE estava ligada ao estilo de apego ansioso/preocupado (Momeñe; Estévez, 2018). A correlação entre dependência emocional e apego ansioso aponta para um ciclo de reforço mútuo, em que a carência afetiva e o medo do abandono alimentam a permanência no vínculo violento, mesmo diante do sofrimento.

No A2, Aiquipa Tello (2015) debate os fatores atrelados à DE a vulnerabilidade dessas mulheres em uma relação conjugal violenta. Para este autor, a relação entre dependência e violência estão intimamente relacionadas aos fatores: medo de se separar, prioridade do parceiro, subordinação e submissão (Tello, 2015). Dessa forma, uma mulher com DE experimentará altos níveis de medo ao pensar que seu relacionamento pode terminar. É por isso que ela evitará por todos os meios que isso seja cumprido e é possível, que tolere comportamentos que vão desde uma simples e esporádica desatenção por parte de seu parceiro até repetidos insultos e ofensas, incluindo agressões físicas.

Quando a mulher considera que seu parceiro é mais importante do que qualquer pessoa ou coisa, ela favorece, ainda que de maneira não intencional, dinâmicas prejudiciais ao relacionamento e ao seu próprio bem-estar (Aiquipa Tello, 2015). Assim, constrói-se um sistema de crenças em que o casal é concebido como onipotente e ela é rotulada como incompetente e indigna do outro. Sendo convergente com os resultados de A1 sobre a influência no comportamento e nas habilidades cognitivas e emocionais (Romero Urréa, 2016). Aiquipa Tello (2015) contribui ao mostrar como a dependência emocional, ao ser internalizada como submissão e medo de abandono, se transforma em um recurso disfuncional de manutenção do vínculo, mesmo em contextos de evidente violência.

Os estudos A8 e A9 retratam a relação entre EIDs e sua relação conjugal violenta (Momeñe; Estévez, 2018; Momeñe *et al.*, 2021). Segundo A8 em relação aos EIDs na DE, predominaram as relações positivas com o esquema de abandono e subjugação. E de acordo com aumento da DE e da violência recebida foi observado que os EIDs também aumentaram (Momeñe *et al.* 2021). No A9, são investigados os EIDs na violência conjugal, identificando-se uma associação entre a perpetração da violência e os seguintes esquemas: isolamento social, defectividade/vergonha e dependência/incompetência (Paim *et al.* 2012). Os resultados apontaram uma relação significativa entre os esquemas referidos e atitudes violentas contra o parceiro amoroso.

Em paralelo ao A8, o isolamento social aparece como um estilo inadequado de enfrentamento focado na emoção, junto com autocrítica (Momeñe *et al.* 2021). Segundo Paim *et al.* (2012), outro aspecto que A9 reforça é que indivíduos com características mais patológicas podem envolver-se em relacionamentos com parceiros que contribuem na manutenção dessas características. Esse tipo de relacionamento pode contribuir para a eclosão da violência, à medida que cada cônjuge apresenta comportamentos que ativem o esquema do parceiro, causando uma interação esquemática que pode ter um padrão destrutivo. Propiciando a manutenção do ciclo da violência e o reforço da permanência em relacionamentos conjugais violentos.

De acordo com A8 a DE tem sido associada à permanência em relacionamentos violentos, mas essa associação tem sido mediada também, por estilos de enfrentamento negativos, esquemas disfuncionais e sintomas psicopatológicos (Momeñe *et al.* 2021). Ao articular DE, EIDs e enfrentamento disfuncional, os estudos apontam para a necessidade de compreender a violência conjugal como resultado de interações entre disposições afetivas internas e padrões relacionais recorrentes, que operam em ciclos autorreforçados.

## **(2) Os aspectos da Dependência Emocional e a relação com a violência contra mulher: fatores mantenedores do ciclo da violência.**



Os resultados obtidos na revisão de A4 demonstram que o dependente emocional tende a ser possessivo e tem medo de ser abandonado, além de ser mais impulsivo e ciumento (Bution; Wechsler, 2016). Sobre gênero, para Bornstein (2012) as relações mais fortes de dependência-abuso são obtidas em termos de escores de dependência em traços, e reportou que homens que são emocionalmente dependentes de suas parceiras tendem a desempenhar frequentemente o papel de abusadores, enquanto as mulheres dependentes desempenham o papel de vítimas, sendo este um dos motivos essenciais para a permanência das mulheres em relacionamentos violentos.

Portanto, no caso dos homens, ao perceberem algum perigo em sua relação, seja ele real ou imaginário, podem tornar-se violentos e abusar de suas parceiras. No caso das mulheres, que geralmente são apontadas como vítimas, a dificuldade de término de relacionamento ocorre pelo medo de ficar sozinha e pelo sentimento de estar atada a esse vínculo.

A adição da dependência emocional torna ainda mais difícil romper a relação, principalmente pelos sintomas de fissura e abstinência que acometem o indivíduo ao tentar sair deste vínculo amoroso. É provável também que ocorra uma dependência mútua, uma vez que os relacionamentos estabelecidos por estes tipos de indivíduos são extremamente conturbados, devido aos sentimentos de posse predominantes nos dependentes emocionais. Deste modo, a dependência mútua explicaria a permanência do parceiro e da relação, mesmo que conflituosa (Bornstein, 2012).

Essa distinção de gênero nos efeitos da dependência emocional revela dinâmicas distintas, embora igualmente disfuncionais, enquanto homens dependentes tendem a exercer controle e violência para manter o vínculo, mulheres frequentemente toleram o sofrimento para preservar a relação. No entanto, essa separação de papéis, ainda que identificada nos dados de Bornstein (2012), deve ser analisada com cautela, pois pode reforçar estereótipos e invisibilizar situações de violência bidirecional ou simbiótica.

A noção de dependência mútua, por exemplo, requer maior aprofundamento teórico, já que pode envolver relações marcadas por assimetrias de poder e sofrimento, mesmo quando ambos os parceiros manifestam vínculos disfuncionais. Reconhecer essas nuances é fundamental para uma compreensão mais abrangente e crítica dos mecanismos que sustentam a permanência em relações violentas.

O A5 refere-se a adaptação do CDE, Cuestionário de Dependência Emocional, (Fonseca *et al.*, 2020) para a população brasileira, indicando evidências psicométricas satisfatórias, a escala analisa aspectos da DE, sendo eles: ansiedade de separação, expressão afetiva, modificação de planos, medo da solidão, expressão limite e busca de atenção (Fonseca *et al.*, 2020). E agrega ao constatar a necessidade de se identificar a natureza do problema das pessoas com sintomas, tais como: amor obsessivo, ansiedade, perda de identidade, baixa autoestima e autoconceito (Fonseca *et al.*, 2020). Fatores que dificultam o rompimento e reforçam a permanência na relação violenta (Fonseca *et al.*, 2020).

A caracterização multidimensional da DE apresentada pelo CDE evidencia que se trata de um constructo psicológico complexo, com manifestações que atravessam os domínios emocional, cognitivo e comportamental. A articulação entre sintomas como medo da solidão, perda de identidade e busca de aprovação externa constrói uma experiência subjetiva de fragilidade, que compromete a autonomia e intensifica a dependência do parceiro. Ao invés de ser apenas um traço individual, a DE se configura como uma vulnerabilidade relacional que, em contextos de violência, atua como barreira concreta à ruptura. Esse dado é importante para pensar estratégias de intervenção, uma vez que rompe com visões reducionistas que culpabilizam a vítima por “não sair” da relação e desloca o foco para a complexidade dos vínculos estabelecidos.

O A6 discorre sobre os altos níveis de DE encontrados em mulheres vítimas de violência, e uma correlação média positiva encontrada entre violência psicológica e DE (Chafra-Quise; Lara-Machado, 2021). Na variável DE, o medo da solidão, foi observado como um indicador relevante, que representa uma forma de rejeição da autoestima, permanecendo a imersão no relacionamento violento (Chafra-Quise; Lara-Machado, 2021). Apresentando correlação com o A7 que propõe que o aumento da DE propicia o aumento do abuso psicológico (Momeñe; Estévez, 2018).

O medo da solidão atua como uma das engrenagens emocionais mais potentes na manutenção da violência. Ao ser internalizado como ameaça existencial, ele opera como freio para o rompimento e legitima a permanência em relações abusivas. Nesse sentido, o medo da solidão é menos um sintoma isolado e mais um marcador de fragilidade na constituição da autonomia emocional.

Em suma, a discussão evidenciou que a dependência emocional, associada aos esquemas iniciais desadaptativos e aos estilos de apego ansioso, configura um importante fator psicológico que contribui para a manutenção das mulheres em relacionamentos conjugais violentos. Essa condição complexa, marcada por insegurança, medo do abandono e baixa autoestima, dificulta o rompimento do ciclo da violência ao reforçar vínculos disfuncionais internalizados ao longo da vida.

Embora ainda haja debate sobre a definição precisa da dependência emocional, seu impacto como mecanismo de vulnerabilidade e perpetuação da violência é claro, apontando para a necessidade de abordagens terapêuticas que fortaleçam a autonomia emocional e promovam a ressignificação dos padrões relacionais disfuncionais. Assim, compreender e intervir sobre esses fatores internos é fundamental para romper o ciclo da violência e oferecer caminhos efetivos de prevenção e cuidado.

## Considerações finais

Buscou-se neste estudo integrar evidências científicas nacionais e internacionais acerca da DE em mulheres vítimas de VPI. Os resultados apontam que a DE pode estar atrelada a EID e ao estilo de apego preocupado-ansioso. A etiologia da DE pode estar associada ao estilo de apego, às deficiências afetivas precoces, a fatores filogenéticos e culturais. Esta dependência tem influência na vulnerabilidade das mulheres vítimas de violência, que estão na condição de dependentes, pois se limitam a se visualizar como uma pessoa incapaz de sobreviver longe do parceiro abusivo, se desdobrando em um fator de permanência na relação violenta.

A literatura analisada se refere à DE como um fator de risco e vulnerabilidade à violência contra mulher, principalmente a doméstica, tendo sido associada à permanência em contextos amorosos violentos e a manutenção do ciclo da violência. Visto que é um tema com pouca incidência no campo científico nacional, observou-se que a literatura da América Latina tem explorado a importância do tema com estudos que demonstram a relação entre: Apego, violência contra mulher e DE.

A definição da DE também ainda não é consistente, estando em debates atuais de artigos sobre a sua real condição: é um transtorno, um sintoma ou um traço de dependência. Afirmado essa inconsistência sobre sua definição, no estudo A4 aponta a DE como um transtorno caracterizado por comportamentos aditivos em relacionamentos. Entretanto, ainda há debate se esta dependência seria considerada uma patologia, como denominá-la e quais sintomas a definiriam. Outra consideração é que a DE pode ser difícil de ser reconhecida pela pessoa que a manifesta, pois muitas de suas expressões são socialmente aceitas.

A exploração no campo científico desta temática com maior rigor metodológico é necessária para o conhecimento dos fatores de vulnerabilidade e risco de violência contra mulher por parceiro íntimo. Sendo a DE um fator que implica em situações de violência, principalmente na doméstica, há necessidade de estudos de aprofundamento na temática.

No intuito de serem realizadas estratégias de prevenção, compreensão dos profissionais de saúde/técnicos de equipamentos de proteção à vítima, sobre os aspectos da DE, e serem (re)formulados programas de intervenções específicas que contemplem as dimensões da DE. Se utilizando de medidas de prevenção que considerem o combate ao retorno às relações abusivas e início em novas com características semelhantes. Bem como para facilitar a fomentação de discussões de prevenção a relacionamentos abusivos e ao ciclo da violência nas vulnerabilidades que estes fatores constituem.

Sobre as limitações deste estudo, destaca-se o número reduzido de produções científicas encontradas, das quais duas são revisões de literatura, evidenciando a defasagem de estudos empíricos em uma área considerada preocupante, tanto no cenário internacional quanto no nacional.

## Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse potencial com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

## Referências

- AIQUIPA TELLO, J. J. Dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia de pareja. **Revista de Psicología**, v. 33, n. 2, p. 411-437, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0254-92472015000200007&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-92472015000200007&lng=es&tlng=es). Acesso em: 12 mar. 2025.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORNSTEIN, R. F. Illuminating a neglected clinical issue: societal costs of interpersonal dependency and dependent personality disorder. **Journal of Clinical Psychology**, v. 68, n. 7, p. 766-778, 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jclp.21870>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico de Violência por parceiro íntimo contra homens e mulheres no Brasil: dados da Vigilância de Violências e Acidentes**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação-Geral de Vigilância de Agravos e Doenças Não Transmissíveis do Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis (CGDANT/DASNT/SVS), v. 51, n. 49, p. 1-16, dez. 2020. Acesso em: 12 mar. 2025.
- BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 12 mar. 2025.
- CASTELLÓ, J. B. Dependencia emocional: Características y tratamiento. 1. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- CASTELLÓ, J. B. La superación de la dependencia emocional: Como impedir que el amor se convierta en un suplicio. 1. ed. Madrid: Edições Corona Borealis, 2012.
- CHAFLA-QUISE, N. M.; LARA-MACHADO, J. R. Dependencia emocional y violencia en mujeres atendidas en la Fundación Nosotras con Equidad, de Riobamba. **Revista Médica Electrónica**, v. 43, n. 5, p. 1328-1344, 2021. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1684-18242021000501328&lng=es&tlng=es](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1684-18242021000501328&lng=es&tlng=es). Acesso em: 12 mar. 2025.
- COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. 36 p. Disponível em: [https://unasuscp.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/143561/mod\\_resource/content/19/MOOC-Tipologiascomficha.pdf](https://unasuscp.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/143561/mod_resource/content/19/MOOC-Tipologiascomficha.pdf). Acesso em: 12 mar. 2025.
- FONSECA, et al. Evidências psicométricas do Cuestionario de Dependencia Emocional (CDE). **Avaliação Psicológica**, v. 19, n. 1, p. 67-77, 2020. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1901.16791.08>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- FORMIGA, Kennya, et al. Intimate partner violence: a cross-sectional study in women treated in the brazilian public health system. **Einstein (São Paulo)**, [S.L.], v. 19, p. 1-7, 2021. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. Disponível em: [https://dx.doi.org/10.31744/einstein\\_journal/2021AO6584](https://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AO6584). Acesso em: 13 jul. 2025.
- GARDNER, D; HELMES, E. Development of the interpersonal dependency scale for older adults. **Australasian Journal on Ageing**, v. 26, n. 1, p. 40-44, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16338816>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- GOMES, A.; FERREIRA, C. Domínios dos transtornos mentais comuns em mulheres que relatam violência por parceiro íntimo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/fcFq3MbHTWVNSYMFVKgMBwg/?lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- MOMEÑE, J.; ESTÉVEZ, A. Los estilos de crianza parentales como predictores del apego adulto, de la dependencia emocional y del abuso psicológico en las relaciones de pareja adultas. **Behavioral Psychology**, v. 26, n. 2, p.

- 359–377, 2018. <https://link.gale.com/apps/doc/A555076772/AONE?u=anon~ade4cad4&sid=googleScholar&xid=31d08b8c>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- MOMEÑE, J. *et al.* Estilos de afrontamiento, esquemas disfuncionales y síntomas psicopatológicos relacionados con la dependencia emocional hacia la pareja agresora. **Behavioral Psychology**, v. 29, n. 1, p. 29–50, 2021. <https://doi.org/10.51668/bp.8321102s>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- NOGUEIRA, T. Violência Contra a Mulher por Parceiro Íntimo: Os aspectos psicológicos do ciclo de violência. **Revista Cathedral**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 230-242, 2023. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/688>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Plano de prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. 2012. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/plan-prevention-violence-women/pt/>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Violência contra as mulheres. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violenceagainst-women>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- PAIM, K.; MADALENA, M.; FALCKE, D. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&tng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&tng=pt). Acesso em: 12 mar. 2025.
- PAIVA, T. T. *et al.* Abuso psicológico, autoestima e dependência emocional de mulheres durante a pandemia de COVID-19. **Ciencias Psicológicas**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 1-16, 31 out. 2022. Universidad Catolica de Uruguay. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-42212022000201218&lng=e s&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212022000201218&lng=e s&nrm=iso). Acesso em: 13 jul. 2025.
- PEREIRA, D. C. S.; CAMARGO, V. S.; AOYAMA, P. C. N. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 9-22, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- PINCUS, A. L., GURTMAN, M. B. The three faces of interpersonal dependency: Structural analyses of self-report dependency measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 4, p. 744–758, 1995.
- ROMERO URRÉA, H. El estilo de apego en la mujer violentada. **Revista Científica y Tecnológica UPSE**, v. 3, n. 3, p. 19-26, 2016. <https://doi.org/10.26423/rctu.v3i3.194>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- SANTOS, T.; CAMARGO, M. Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências. **Psicologia USP**, [S.L.], v. 35, p. 1-7, 2024. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e220002>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- SOARES, C. *et al.* Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 335-345, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- WAINER, R. *et al.* **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: Integração em Psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. 240 p.
- WALKER, L. E. A. **The battered woman syndrome**. 3. ed. Nova York: Springer Publishing Company, LLC, 2009.
- YOUNG, J. E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: Uma abordagem focada no esquema**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do Esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.